

## Tradução

**SION, Jules. A Segunda Edição da *Geografia Política* de Friedrich Ratzel. In: VIDAL DE LA BLACHE, Paul (Org.). *Annales de Géographie*, tome XIII, pp. 171-173, Paris: Libraire Armand Colin, 1904.**

*Marquessuel Dantas de Souza*<sup>1</sup>

O subtítulo que RATZEL deu a esta transformação de seu livro<sup>2</sup> define imediatamente sua concepção da geografia política<sup>3</sup>: é “a geografia dos Estados, do comércio e da guerra”. Sobre o caráter de Estado, fragmento da humanidade cujo solo é o suporte orgânico, sobre o desejo de expansão e de conquista que é mesmo sua vontade de viver, sobre o valor de sua posição, do espaço, dos acidentes do terreno<sup>4</sup>, reencontramos as mesmas ideias pouco modificada, apenas acentuada aqui e ali por uma fórmula ou esclarecendo, senão sempre fortificando por quaisquer fatos novos. A etnografia foi posta mais largamente em contribuição e várias das teorias deste livro, *verdadeiro manual de imperialismo*<sup>5</sup>, encontraram sua ilustração natural nos acontecimentos realizados depois de 1897.

Sobre a guerra, algumas novas indicações testemunham o interesse que RATZEL fixa cada vez mais à geografia militar. A meta da guerra - nos disse ele<sup>6</sup> - tem

---

<sup>1</sup> Geógrafo. Tradutor da Obra.

<sup>2</sup> SION, Jules. **La Seconde Édition de la *Politische Geographie* de Friedrich Ratzel**. In: *Annales de Géographie*, tome XIII, pp. 171-173, Paris: Libraire Armand Colin, 1904.

<sup>3</sup> FR. RATZEL, *Politische Geographie oder die Geographie der Staaten, des Verkehres und des Krieges*. München und Berlin, R. Oldenbourg, 1903. In-8, XVII + 838p., 40 fig. esboço. 18 M. – Ver, para a primeira edição (1897): P. VIDAL DE LA BLACHE, *La géographie politique, à propos des écrits de FRÉDÉRIC RATZEL* (*Annales de Géographie*, VII, 1898, pp. 97-111).

<sup>4</sup> É singular que, num estudo também detalhado das influências naturais, apenas 5 páginas do trabalho são consagradas a vegetação (pp. 826-830).

<sup>5</sup> Grifo do tradutor.

<sup>6</sup> Pág. 94. “... die mit wachsender Schätzung die Besitznahme des Boden als Motiv der Kriege immer deutlicher hervortritt...”. – “... a crescente valorização da posse do solo como um motivo de guerra torna-se mais claramente...”. – Comentário acrescido pelo tradutor conforme a segunda edição da *Politische Geographie* de 1903.

variado conforme a importância ligada à posse do solo. A povoação primitiva propõe unicamente o aniquilamento ou a pilhagem do inimigo: o país uma vez devastado, ela o abandona. Em seguida vem à ideia de que a ação ou influência da posse do solo permite uma exploração mais segura do vencido pelo vencedor; desde então, toda luta é “uma luta pelo solo”, salvo algumas guerras econômicas que, como pretende o autor, não apresentam a mesma obstinação<sup>7</sup>. A condução ou encaminhamento de uma armada supõe um sentido geográfico muito nítido: uma cadeia de montanhas, bem como um rio tem um valor de apoio e de obstáculo que precisamos entender, como precisamos discernir as vias que unem uma fronteira de uma província ao resto do território<sup>8</sup>.

A geografia do comércio, que é objeto das principais adições, se liga estreitamente, para RATZEL, àquela da guerra<sup>9</sup>. Isto resulta de que a atividade comercial ainda é uma forma de “expressão humana”, de “movimento histórico”; é também, segundo uma forte expressão, a “domesticação do espaço”<sup>10</sup>. Em contrapartida, ela atenua as diferenças regionais<sup>11</sup> na medida onde se desenvolvem as rotas comerciais. Sobre a evolução destas rotas, RATZEL acrescenta curiosos detalhes<sup>12</sup>. Elas se formam pela coordenação dos elementos de uma rede unicamente composta, na origem, de relações locais. Os desvios estão nas circunvizinhanças numerosas; numerosos também às “nações entrepostos”, como a Síria, a Flandre, onde, por nenhum ponto a viagem se prolonga entre medidas, entregamos as mercadorias à um intermediário. Mas as correntes comerciais tendem agora a seguir as vias mais curtas; os intermediários desaparecem e os

---

<sup>7</sup> Ver p. 527.

<sup>8</sup> Pág. 470-473: *Verker und Strategie*. – § 215. Circulação e estratégia. – Comentário acrescido pelo tradutor.

<sup>9</sup> Pág. VI. – No prefácio à segunda edição Ratzel nos diz: “die Verkehrsgeographie eng mit der politischen Geographie und besonders eng mit der Geographie des Krieges zusammenhängt”. “A geografia da circulação está estreitamente relacionada com a geografia política e particularmente relacionada com a geografia da guerra”. – Comentário acrescido pelo tradutor conforme a segunda edição da *Politische Geographie* de 1903.

<sup>10</sup> O capítulo que o estuda é intitulado: *Der Verkehr als Raumbewältiger*. – Capítulo dezesseis, pp. 447-534. *A circulação como dominação do espaço*. – Comentário acrescido pelo tradutor conforme a segunda edição da *Politische Geographie* de 1903.

<sup>11</sup> Este ponto de vista é um pouco exclusivo, e o comércio acentua por vezes estas diferenças. À medida que as provisões tenham transformadas os valores de uso em valores de troca, várias regiões foram obrigadas em se especializar segundo as condições naturais e seguindo as necessidades do mercado. O comércio tem frequentemente suprimido as desigualdades na repartição das riquezas e reforça as diversidades na produção.

<sup>12</sup> Pág. 455-470.

entrepostos mundiais rumam diminuir sua clientela, como outrora Bruges ou Veneza. RATZEL não crê na duração de um deslocamento artificial destas rotas por um monopólio ou uma taxa. – A história dos transportes<sup>13</sup> começa nas veredas sinuosas [nos caminhos sinuosos] dos campos conservados sem fertilizantes nos pequenos Estados onde reina um espírito local hostil e estrangeiro; ela nos mostra a origem das rotas no esforço de centralização e da conquista das grandes nações; pois estuda as redes de vias férreas e sua forma, por vezes, sugestiva. Novos desenvolvimentos<sup>14</sup> são consagrados aos portadores [mensageiros] do qual a supressão de escravidão diminui o número aos animais de traços (o boi que precedeu o cavalo nos países do Mediterrâneo, o cachorro, a rena), ao carro cuja área de extensão se restringe - prova a invenção recente. – No capítulo sobre o mar, encontramos aprofundado o estudo técnico da navegação, das rotas impostas aos veleiros pelos ventos e as correntes, do aumento [acréscimo] de vapores em número e em tonelagem<sup>15</sup>. – RATZEL conclui o capítulo sobre o tráfego pela análise das relações entre o comércio e o Estado<sup>16</sup>. Os comerciantes estão na vanguarda da expansão política; eles precisam o objetivo; eles tornam-se mais duráveis, pois, após a fixação dos camponeses à terra, para o negociante torna-se mais difícil romper-se. O comércio pode agir na forma do Estado, como no reino do Kongo, estreita faixa ao longo de uma rota; sobre sua autonomia, como em Tombouctou, outrora independente como mercado internacional; sobre seus desejos de anexações, sobretudo; enfim, ele pode transformar o Estado em um negociante cuja psicologia é suficientemente e delicadamente observada.

Resumir a obra de RATZEL, como foi feito, por suas recentes doutrinas é quase que o trair. As teorias que ele expõe mais longamente são demasiadas generalizações pelo pequeno número dos fatos evocados, por vezes, mesmo que elas sejam oriundas inteiramente das coisas, esta consciência da vida na infinita riqueza de suas formas é como a alma e o encanto da pesquisa geográfica. Mas as qualidades efetuadas por RATZEL - um chefe de escola - revelam que a rejeição da metafísica remonta até o tesouro da observação de detalhe que ela dissimula. Admiramos então a variedade de sua cultura e o alcance de sua informação, menos histórica e econômica que etnográfica. E os sociólogos que não mediram suas

---

<sup>13</sup> Pág. 480-485.

<sup>14</sup> Pág. 485-490.

<sup>15</sup> Pág. 697-708.

<sup>16</sup> Pág. 499-531.

críticas à suas concepções<sup>17</sup>, poderiam por assinalar e utilizar seus estudos sobre os primitivos: suas indicações sobre a constituição dos Estados africanos ou asiáticos, sobre sua concepção da pátria, da propriedade sugerindo a ideia de uma interpretação mais concreta, mais econômica de certos fatos sociais.

***Recebido em Fevereiro de 2016.***

***Publicado em Julho de 2016.***

---

<sup>17</sup> E. DURKHEIM, resenha da *Politische Geographie* nos *Anais sociológicos*, 2º ano, 1897-1898, pp. 520-532. – Esta resenha de Durkheim direciona várias críticas à obra de Ratzel. – Comentário acrescido pelo tradutor.